



LUÍS MACHADO DE ABREU

Universidade de Aveiro

Manuel Antunes

(1918-1985)

A rara excelência de um mestre exemplar

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

- *Ao Encontro da Palavra*, Lisboa, Morais Editores, 1960.
- *Do Espírito e do Tempo*, Lisboa, Ática, 1960.
- *Indicadores de Civilização*, Lisboa, Verbo, 1972.
- *Grandes Derivas da História Contemporânea*, Lisboa, Edições Brotéria, 1972.
- *Educação e Sociedade*, Lisboa, Sampedro, 1973.
- *Grandes Contemporâneos*, Lisboa, Verbo, 1973.
- *Repensar Portugal*, Lisboa, Multinova, 1979 (Nova edição, 2005).
- *Ocasionalia. Homens e Ideias de Ontem e de Hoje*, Lisboa, Multinova, 1980.
- *Legómena. Textos de Teoria e Crítica Literária* (organização e seleção de Maria Ivone de Ornelas de Andrade), Lisboa, IN-CM, 1987.
- *Teoria da Cultura* (revisão e notas de Maria Ivone de Ornelas de Andrade e prefácio de Luís Machado de Abreu), Lisboa, Colibri, 1999.
- *Repensar a Europa e a Globalização* (introdução de José Eduardo Franco), Lisboa, Multinova, 2006.
- *Obra Completa do Padre Manuel Antunes* (Tomos I-VI), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005-2011.

As universidades tiveram sempre mais docentes do que mestres. Se os docentes existem para transmitir conhecimentos, os mestres cultivam a arte de iniciar discípulos nos árduos caminhos da sabedoria. O verdadeiro mestre faz jus ao exercício do magistério vivido como demanda de um *magis*, um mais que nunca separa o convite ao conhecimento do cuidado em edificar com expansiva harmonia a humanidade do ser. O mestre ajuda a crescer porque incita a descobrir. Nisso consiste a sua mais genuína autoridade. Nunca impõe nem força quem o procura. Apenas mostra caminhos. Aconselha a escolher e acompanha as descobertas de quantos esforçadamente aspiram a crescer em conhecimento, sagesa e humanidade.

Muito mais do que docente, o Padre Manuel Antunes (1918-1985) foi mestre insigne da Universidade de Lisboa. Com a reforma dos cursos da Faculdade de Letras empreendida em 1957, uma nova disciplina intitulada História da Cultura Clássica passou a fazer parte do plano de estudos de vários cursos. Para lecionar esta disciplina foi contratado como segundo assistente, por proposta de Vitorino Nemésio, então Diretor da Faculdade, o Padre Manuel Antunes. Abria-se para ele uma situação nova a vários títulos. Situação nova e que inicia, como foi observado¹, “um percurso universitário atípico” de alguém que ingressa na docência universitária por convite e não por concurso e “nunca se apresentou a provas curriculares” na Universidade de Lisboa. Nunca anteriormente tinha frequentado, como aluno ou como docente, uma instituição laica, uma vez que toda a formação recebida e a experiência de ensino, durante seis anos, haviam decorrido em estabelecimentos da Companhia de Jesus.

Principiava então um ciclo novo para o Padre Manuel Antunes, o primeiro jesuíta a ocupar uma posição docente na Universidade pública portuguesa, depois da expulsão da Companhia de Jesus decretada por Pombal no século XVIII. E não lhe era cometida a missão de lecionar matérias teológicas, canônicas ou de história religiosa. Passava a ministrar História da Cultura Clássica, disciplina para a qual estava convenientemente habilitado pelos estudos de língua, literatura e cultura latina e grega que tinha frequentado como aluno e, depois, como professor do Curso Superior de Humanidades da sua ordem. Experiência preciosa que conferirá ao mestre de História da Cultura Clássica instrumentos teóricos e prática pedagógica, garantia de êxito que haveria de superar as expectativas mais lisonjeiras.

O serviço docente iniciado no ano letivo de 1957/1958 permitiu transmitir a alunos inscritos em diferentes cursos existentes na Faculdade o gosto de conhecer e aprofundar saberes que tornavam os temas e valores da Antiguidade Clássica ao mesmo tempo sedutores e próximos. Mas um jesuíta, professor na Faculdade de Letras, começou por desencadear, segundo testemunho de João Bénard da Costa, “comentários trocistas e até mesmo, [...] alguns risos”². Rapidamente, porém, o magistério de Manuel Antunes se tornou caso caro de interesse, adesão e respeito, por parte de quantos o frequentavam. Um sopro de vitalidade e de fascínio intelectual empolgava as suas aulas e deixava marcas indeléveis. Os valores humanistas da Grécia e da latinidade, sem nada perderem da minuciosa e erudita apresentação do contexto em que nasceram, vinham até à nova ágora e ganhavam estatuto de elemento formativo para o público estudantil que tinha o privilégio de seguir as

¹ Aires A. Nascimento, “O percurso do Padre Manuel Antunes na Faculdade de Letras de Lisboa”, in José Eduardo Franco, Hermínio Rico (Coords.), *Padre Manuel Antunes (1918-1985) Interfaces da cultura portuguesa e europeia*, Porto, Campo das Letras, 2007, pp. 651-652.

lições. Mais do que regresso ao passado longínquo, operava-se então o encontro deslumbrado com as nascentes, cristalinas e fascinantes, das estruturas mentais e dos referentes de cultura em que continua a mover-se o homem europeu.

Além dessa disciplina e de História da Civilização Romana, as mudanças mais tarde trazidas pelo 25 de Abril de 1974 abriram-lhe as portas do curso de Filosofia para aí lecionar algumas disciplinas com as quais tinha notória afinidade de espírito, mas que nunca até essa data lhe tinham sido franqueadas, salvo a título excecional, no ano de 1959-1960, em que a História da Filosofia Antiga lhe foi atribuída.

Numa Faculdade de Letras apagada, rotineira, vigiada, a que a reforma de 1957 procurara dar coerência e algum dinamismo, os alunos não encontravam o pulsar da vida nem o fogo sagrado dos grandes sonhos que incendeiam a vontade de saber. E não abundavam de facto aqueles mestres notáveis que, bem informados e competentes, possuem o dom de transmitir conhecimento e irradiar sabedoria. Não admira, pois, que a frustração intelectual adotasse por vezes o tom de irreverência rasante e impiedosa, tão saudável na juventude. Compreende-se assim o testemunho de um dos alunos que, em começos dos anos 60, frequentou a Faculdade de Letras: “um autêntico cemitério e a licenciatura em Filosofia um dos seus mais desoladores mausoléus”. Só as aulas de História da Cultura Clássica eram “flagrante exceção”.

A exceção representada por Manuel Antunes atraía os alunos à sala de aula e com tanta assiduidade que o amplo espaço do Anfiteatro I ficava sempre a transbordar. Para escutar a voz débil do mestre, imperava na sala o mais diligente silêncio. Segundo cálculo aproximado feito pelo próprio docente, devem ter passado pelos cursos que ministrou cerca de quinze mil alunos. Se a qualidade e eficácia dos métodos utilizados tem nos resultados que produz a sua prova dos nove, o testemunho inequívoco e praticamente unânime dos alunos sobre a excelência dos ensinamentos por ele transmitidos atesta eloquentemente o alto nível do saber e da arte de comunicar do mestre.

Além das tarefas estritamente pedagógicas, enfrentou com elevado espírito cívico as situações difíceis suscitadas pela crise da Universidade e pelas transformações operadas na vida social e política da época. Em momentos de grande alvoroço coletivo e alguma desorientação soube, com serenidade, bom senso e responsabilidade, contribuir para “repensar Portugal”. Atravessou a agitação estudantil, a dissidência cultural e a politização do claustro universitário com opções claras a favor da liberdade, autonomia, participação, reforma institucional, exigência e mérito.

Ele excedeu, e muito, o padrão de professor bem preparado que, com clareza e rigor, sabe transmitir conhecimentos e despertar curiosidade e simpatia. Foi, acima de tudo, alguém capaz de contagiar os jovens que o escutavam com o sentido das coisas belas e grandiosas. Dava a conhecer o mais sublime das culturas grega e latina e, ao mesmo tempo, pelo exemplo pessoal, estimulava-os a crescer em humanidade. A prática pedagógica do Padre Manuel Antunes comprova plenamente a convicção manifestada por Jean Jaurès, segundo a qual o mestre ensina aquilo que é, e não tanto o que sabe ou julga saber.³ Talvez não possamos afirmá-lo de igual modo de todos os alunos que passaram pelas suas aulas. Mas quantos deles, volvidos alguns anos, ao verem-se investidos em responsabilidades docentes, não se terão lembrado desse magistério exemplar, tomando-o como referência de qualidade e modelo a seguir?!

Na *paideia* praticada pelo mestre havia uma doutrina valorizadora de todas as potencialidades formativas do ser humano e a conceção do processo educativo como instrumento de realização integral da pessoa. Nesse sentido, mereciam atenção particular os princípios humanistas do trabalho educativo, os quais jamais poderão ser sacrificados a objetivos oportunistas ou de circunstância. A questão educativa esteve sempre presente na reflexão de Manuel Antunes que acompanhou atentamente a reforma de Veiga Simão. Das muitas análises e comentários que esta reforma lhe suscitou ficaram os textos por ele reunidos no volume *Educação e Sociedade* (1973), textos a que outros foram acrescentados no tomo II da *Obra Completa Paideia: Educação e Sociedade* (2005).

² João Bénard da Costa, “A casa encantada. O Padre Manuel Antunes: o lugar do saber”, in José Eduardo Franco, Hermínio Rico (Coords.), *op. cit.*, p. 117.

³ “... on n’enseigne pas ce que l’on sait ou ce que l’on croit savoir: on n’enseigne et on ne peut enseigner que ce que l’on est”, in Jean Jaurès, *L’Esprit du Socialisme*, Paris, Ed. Gonthier, 1964, pp. 126-127.

⁴ Padre Manuel Antunes, *Obra Completa T. II Paideia: Educação e Sociedade*, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, 2005, p. 158 [*passim*].

Merecem, por isso, ser aqui evocadas algumas dessas reflexões de sentido pedagógico. Uma delas diz respeito à necessidade de a interdisciplinaridade estar estreitamente associada à pluridisciplinaridade. A cultura da interdisciplinaridade só tem a ganhar se for precedida, mesmo no plano individual, por um trabalho de pluridisciplinaridade tão contínuo e diversificado quanto for possível. É um convite à abertura ao mundo dos saberes acompanhada da necessária preocupação com a necessidade de vencer tendências dispersivas, através do sentido unificador e sintético de que é portadora a filosofia. É ainda a promoção do sentido da totalidade e da educação do homem todo que deve tornar o educador vigilante e atento aos perigos do “infantilismo metafísico” que se difundiu na mentalidade atual. Esses perigos são, entre outros, a reivindicação de verificação experimental para tudo, o doutrinamento ideológico, o ativismo partidário, a proliferação caótica de sons e imagens⁴.

O Padre Manuel Antunes podia falar de interdisciplinaridade e de pluridisciplinaridade porque, por experiência pessoal, sabia bem o que elas eram. Encontramos na imensa vastidão do seu saber a chave que desvenda o segredo do aclamado êxito do seu magistério. Nunca tendo sido homem de um só livro nem de uma só disciplina, soube sempre ler no parcelar e fragmentário a tensão com a totalidade e discernir nos meandros da análise os acenos da síntese em construção. Remetido a um território cultural distante cerca de dois milénios e meio da contemporaneidade, conseguia manter articulados os tempos das culturas grega e latina e os da atualidade, conduzindo os alunos a esse passado matricial e iluminando com ele a experiência do presente. A este propósito, convém lembrar a densa introdução à História da Cultura Clássica que se estende por cerca de centena e meia de páginas. Aí, sem anacronismos, vêm elucidados conceitos fundamentais em que, de forma orgânica, se faz o trânsito das raízes helénicas ou latinas até às correspondentes ramificações nos Tempos Modernos. Ficamos a saber, por exemplo, que o ponto de partida de Marx se encontra na filosofia dos gregos e que a teoria dos conjuntos se pode aplicar aos fenómenos culturais e civilizacionais.

A *Obra Completa* recentemente editada pela Fundação Calouste Gulbenkian mostra, sem equívocos, de que modo, ao correr dos anos, a lecionação de História da Cultura Clássica conviveu em íntima comunhão de inteligibilidade com filosofia da cultura, crítica literária, questões sociais e políticas, relações internacionais e teologia.

A boa receção que o magistério de Manuel Antunes encontrou pode levar-nos a crer que a vida académica lhe correu fácil e sem sobressaltos. Nada mais enganador. Alguns testemunhos referem contrariedades várias que teve de vencer e perante as quais soube comportar-se com elevação e dignidade. O desconforto e sofrimento por que passou nos primeiros tempos de vida académica levaram-no mesmo a pedir a demissão a Marcelo Caetano, então Reitor da Universidade de Lisboa, dois anos após o ingresso na Faculdade de Letras. Não foi aceite e com essa recusa ganharam os alunos de Manuel Antunes e a Universidade.

Não gostava de falar de si por estar, sobretudo, atento aos outros e disponível para os ouvir e confortar. Existem, ainda assim, alguns escassos vestígios de descontentamento e indignação registados em cartas de setembro e novembro de 1959 dirigidas, respetivamente, a Mécia e Jorge de Sena.

Sobre os muitos anos de serviço na Faculdade de Letras ficaram em notas furtivas e em testemunhos de amigos dois sentidos lamentos. O primeiro, a sobrecarga de trabalho docente com turmas numerosas que não deixavam tempo nem condições de investigação para levar a termo a projetada dissertação doutoral sobre “Filosofia e mística em Platão e Plotino”. A isso acrescia o ar de desconforto que se respirava na Faculdade. De tão absorvente emprego, já ele, em Nota Prévia ao livro *Ao Encontro da Palavra* (1960), vertia em discreto desabafo alguma decepção por se ver “permanentemente devorado, há mais de dois anos, pela atividade escolar”.

O segundo queixume diz respeito ao chamamento da Filosofia para a qual se sentia intelectualmente atraído. Só a partir de 1974 lhe pôde corresponder. A preparação teórica e o gosto pessoal de Manuel Antunes orientavam-no de preferência para a lecionação de

curso de Filosofia. Mas essa apetência intelectual foi, até ao 25 de Abril, sistematicamente contrariada pelos responsáveis da Faculdade. Com as mudanças operadas na política universitária vieram as oportunidades de trabalho letivo no curso de Filosofia. Pôde assim aplicar-se em profundidade a três setores disciplinares do campo filosófico, Filosofia Antiga (Platão e Aristóteles), Ontologia e Pensamento Filosófico em Portugal.

Em 1981, o corpo académico da Universidade de Lisboa propôs por unanimidade que lhe fosse atribuído o doutoramento *Honoris causa*. Dois anos depois, em 1983, chegava o solene reconhecimento público pelos muitos serviços prestados à comunidade nacional. No dia 10 de Junho desse ano, o Presidente da República condecorou-o com as insígnias de Grande Oficial da Ordem Militar de Santiago da Espada.

Entre os professores da Universidade de Lisboa, não figurará certamente como um dos que mais a ilustraram pela investigação fundamental, produção científica inovadora, participação na gestão universitária, ou ainda pela intervenção cívica e política. Mas não escapou a atentos observadores do panorama cultural português que o Padre Manuel Antunes soube afirmar-se em meio hostil e poderia ter chegado muito mais longe se lhe tivessem sido favoráveis as condições em que foi chamado a viver e trabalhar. Do que não restam dúvidas é que na geração académica que teve o privilégio de o conhecer deixou marca indelével e fecunda de mestre exemplar de cultura em humanidade, a cultura que intenta tornar o homem mais humano. ▼